

Fernanda Cravidão

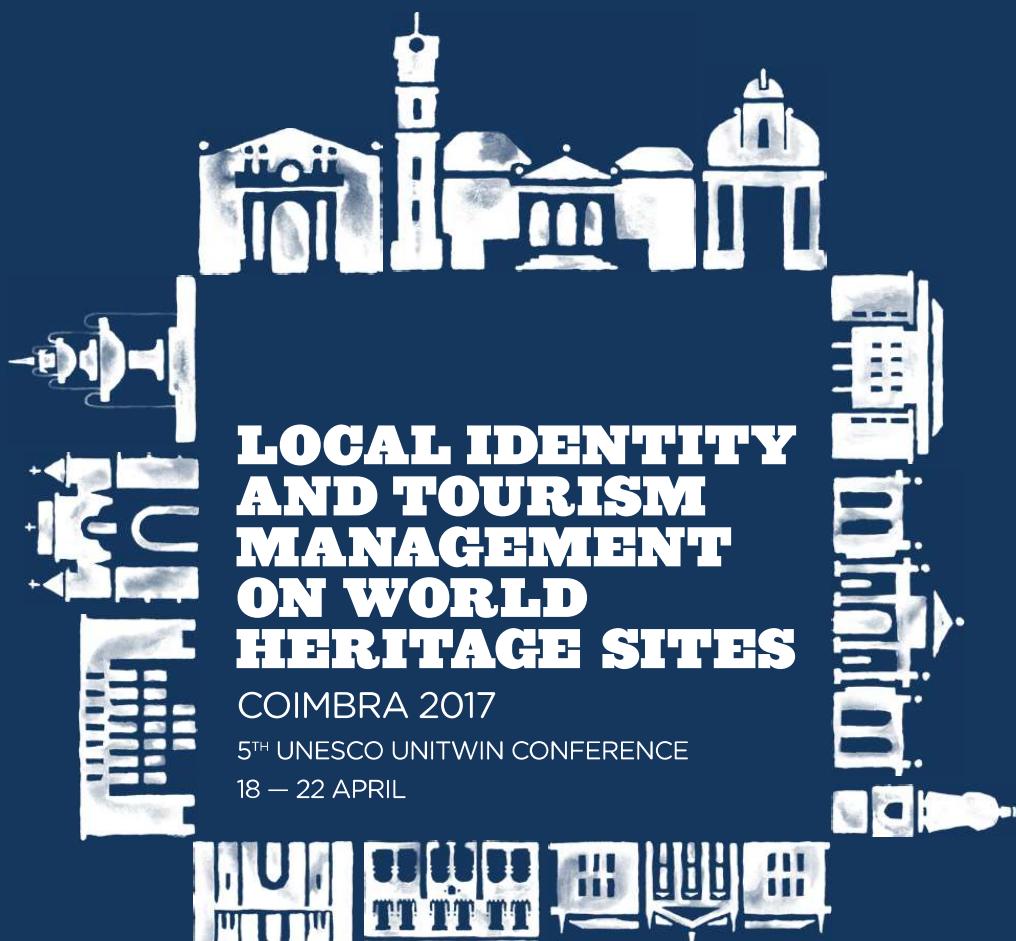
Norberto Santos

Claudete Oliveira Moreira

Rui Ferreira

Paulo Nossa

Luís Silveira



LOCAL IDENTITY AND TOURISM MANAGEMENT ON WORLD HERITAGE SITES

COIMBRA 2017

5TH UNESCO UNITWIN CONFERENCE

18 – 22 APRIL

CONFERENCE PROCEEDINGS

LIVRO DE ATAS

Department of Geography and Tourism, University of Coimbra, Portugal

Departamento de Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra, Portugal

Center of Studies on Geography and Spatial Planning Portugal

CEGOT - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território Coimbra

COIMBRA 2017

Fernanda Cravidão

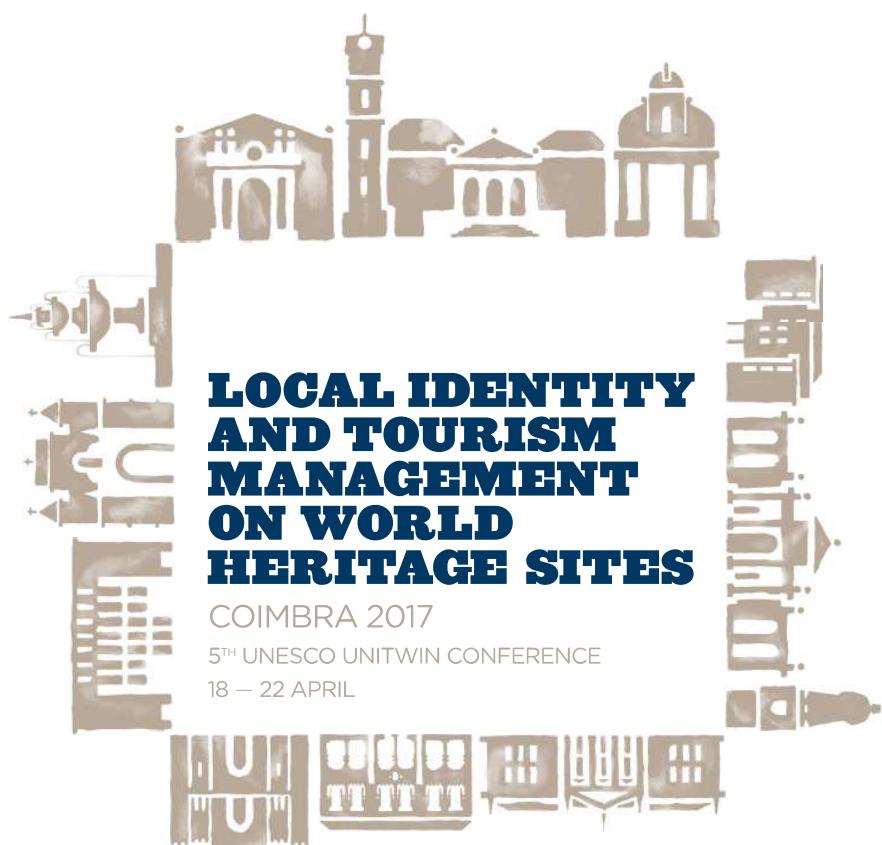
Norberto Santos

Claudete Oliveira Moreira

Rui Ferreira

Paulo Nossa

Luís Silveira



LOCAL IDENTITY AND TOURISM MANAGEMENT ON WORLD HERITAGE SITES

COIMBRA 2017

5TH UNESCO UNITWIN CONFERENCE

18 — 22 APRIL

CONFERENCE PROCEEDINGS

LIVRO DE ATAS

Department of Geography and Tourism, University of Coimbra, Portugal

Departamento de Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra, Portugal

Center of Studies on Geography and Spatial Planning Portugal

CEGOT - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território Coimbra

COIMBRA 2017

LIVRO DE ATAS
IMPRINT | FICHA TÉCNICA
5th UNESCO UNITWIN CONFERENCE 2017

TITLE | TÍTULO

Local identity and tourism management on world heritage sites. Trends and challenges. Conference Proceedings | Identidade local e gestão turística de sítios património mundial. Tendências e desafios. Livro de atas

EDITORS | COORDENAÇÃO

Fernanda Cravidão; Norberto Santos; Claudete Oliveira Moreira, Rui Ferreira, Paulo Nuno Nossa & Luís Silveira

ISBN: 978-989-96810-7-1

[Título: Local Identity And Tourism Management On World Heritage Sites - Trends And Challenges - Conference Proceedings | Identidade Local E Gestão Turística Dos Sítios Património Mundial - Tendências E Desafios - Livro De Atas]; [Autor: Fernanda Delgado Cravidão]; [Co-autor(es): Norberto Santos, Claudete Oliveira Moreira, Rui Ferreira, Paulo Nuno Nossa & Luís Silveira]; [Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF / PDF/A]

Cover Image: copyright

Imagen da capa: direitos reservados

EDITOR | EDITOR

Department of Geography and Tourism, University of Coimbra, Portugal | Departamento de Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra, Portugal
Center of Studies on Geography ad Spatial Planning | CEGOT - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território Coimbra

FINANCIAL SUPPORT | OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA E TURISMO

INSTITUTIONAL SUPPORT | APOIO INSTITUCIONAL



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

CEGOT
Center of Studies on Geography
and Spatial Planning

FCT
Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÉNCIA, TECNOLOGIA E INSSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

POCI-01-0145-FEDER-006891

© September | Setembro 2017, DepGeoTur, CEGOT, Coimbra

EXECUTIVE COMISSION | COMISSÃO EXECUTIVA

Clara Almeida Santos, Vice-rector for Culture and Heritage of the University of Coimbra; Fernanda Cravidão, Representative at the Coimbra University of the UNESCO Chair and UNESCO UNITWIN Network 'Culture, Tourism, Development'; Norberto Santos, Head of the Department of Geography and Tourism, Faculty of Letters, University of Coimbra.

SCIENTIFIC SUPPORT | APOIO CIENTÍFICO

Maria Gravari-Barbas, Director of IREST and EIREST, University Paris 1 Pantheon – Sorbonne | Coordinator of the UNESCO Chair and UNESCO UNITWIN Network Culture, Tourism and Development; **Abdoul Sow**, University of Gaston Berger de Saint-Louis, Senegal; **Aleš Gačnik**, University of Primorska, Slovenia; **Alessia Mariotti**; University of Bologna, Italy; **Amareswar Galla**, University of Split, Croacia; **Anna Trono**, Universidade de Salento, Itália; **Antonio Carlos Sarti**, University of São Paulo, Brazil; **Carmen María Ramos**, University Nacional Tres de Febrero | Asociación Amigos del Museo Nacional de Bellas Artes, Argentina; **David Picard**, University of Lausanne, Switzerland; **Dolors Vidal-Casellas**, University of Girona, Spain; **Dominique Vanneste**, University of Leuven, Belgium; **Fernanda Cravidão**, University of Coimbra, Portugal; **Fiorella Dallari**, University of Bologna, Italy; **Jocelyne Napoli**, University of Toulouse III, France; **Jordi Tresserras Juan**, University of Barcelona, Spain; **Lia Bassa**, INFOTA Research Institute, Budapest Metropolitan University, Hungary; **Lorenzo Cantoni**, Università della Svizzera italiana, Italy; **Lluís Mundet i Cerdan**, University of Girona, Spain; **Mike Robinson**, University of Birmingham, United Kingdom; **Mohammed Aderghal**, Mohammed V University in Agdal-Rabat, Morocco; **Noel B. Salazar**, University of Leuven, Belgium; **Nuria Morère Molinero**, University Rey Juan Carlos, Spain; **Sébastien Jacquot**, IREST | University Paris 1 Panthéon-Sorbonne, France; **Yoel Mansfeld**, Haifa University, Israel; **Zhong Linsheng**, CAS - Chinese Academy of Sciences, China.

ORGANISING COMMITTEE | COMISSÃO ORGANIZADORA

Fernanda Cravidão; CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Representative at the Coimbra University of the UNESCO Chair and UNESCO UNITWIN Network 'Culture, Tourism, Development' | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Norberto Santos**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Head of Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Claudete Oliveira Moreira**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Rui Ferreira**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Departmental Coordinator for Mobility in Tourism | Diretor do Mestrado em Tecnologias de Informação Geográfica | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Fatima Velez de Castro**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Coordinator for International Mobility at the Faculty of Letters | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **João Luis Fernandes**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Deputy Director of the Degree in Tourism, Territory and Heritage | Coordinator for International Mobility at the Faculty of Arts; **Mónica Morais de Brito**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Executive Director of SinesTecnopólo | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Paulo Carvalho**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Director of the Degree in Tourism, Territory and Heritage | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Paulo Nuno Nossa**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra; **Cayetano Espejo Marín**, Department of Geography - University of Murcia | Director of the journal 'Cuadernos de Turismo'; **Ramón García Marín**, Department of Geography - University of Murcia | Editorial Secretary of the journal 'Cuadernos de Turismo'; **Luis Silveira**, CEGOT – Centre of Studies on Geography and Spatial Planning | Department of Geography and Tourism, University of Coimbra

SECRETARIAT | SECRETARIADO

Claudete Oliveira Moreira; Norberto Santos, Paulo Nuno Nossa & Luís Silveira.
Department of Geography and Tourism, University of Coimbra.

This work was co-financed by the European Regional Development Fund (ERDF) through the COMPETE 2020 - Operational Programme Competitiveness and Internationalization (POCI) and national funds by FCT under the POCI-01-0145-FEDER-006891 project (FCT Ref: UID / GEO 04084/2013).

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-006891 (Refª FCT: UID/GEO/04084/2013).

Trabajo cofinanciado por el Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER) a través del COMPETE 2020 —Programa Operacional Competitividad e Internacionalización (POCI)— y por fondos nacionales a través de la FCT dentro del proyecto POCI-01-0145-FEDER-006891 (Ref. FCT: UID/GEO/04084/2013)

PARTNERS | PARCEIROS



SPONSORS| PATROCINADORES



O patrimônio cultural de João Pessoa (Paraíba, Nordeste do Brasil) na ótica da geomorfologia cultural

Luciano Schaefer Pereira

Doutoramento em Geografia Física, Universidade de Coimbra, Portugal

lschaefer2@gmail.com

Lúcio Sobral Cunha

Departamento de Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra, Portugal

luciogeo@ci.uc.pt

Marcos Antonio Leite Nascimento

Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

marcos@geologia.ufrn.br

Resumo

Considerando que o patrimônio construído possui um viés essencialmente antrópico, parece-nos interessante uma correlação entre o patrimônio cultural e o patrimônio geomorfológico, sob a ótica da Geomorfologia Cultural, que enfatize o valor cultural do patrimônio geomorfológico. João Pessoa é a terceira cidade mais antiga do Brasil, fundada em 5 de agosto de 1585. O objetivo desta pesquisa foi analisar o papel das diferentes compartimentações do relevo no condicionamento da instalação do sítio de João Pessoa que posteriormente assumiu a importância cultural que hoje se lhe reconhece, através da ótica dos cronistas do período colonial (1500-1822), representada em documentos textuais e iconográficos diversos, como a jesuítica ‘Sumário das Armadas’ ou a franciscana ‘Novo Orbe seráfico’, entre outras, assim como na iconografia portuguesa e holandesa, ressaltando seus valores funcionais, econômicos e estéticos. Afinal, a história das civilizações, na forma de sistemas de defesa, edificações, simbolismos, entre outros, sempre esteve atrelada aos aspectos da natureza, em especial ao relevo. Ademais, estas preocupações são fatores associados que nos permitem compreender a escolha do lugar em que a cidade foi edificada, a sua evolução e a própria forma de seu traçado urbano. Nos tempos atuais, as feições geomorfológicas têm sido ferramenta, basicamente, de estudos científicos, restringindo a possibilidade de atingir um público maior que não seja do meio acadêmico. Busca-se, através desta análise de correlação entre o meio físico e meio cultural, redescobrir o sentido de uma geoconsciência através do apelo estético que esta paisagem urbana instiga e da sua importância para a sociedade primitiva.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural; Geomorfologia Cultural; Cronistas; Período Colonial; João Pessoa.

1. Introdução

As formas de relevo são resultantes do modelamento das rochas à superfície da Terra, possuindo o papel de reconstituir e explicar a evolução da crosta terrestre, local de interação das diversas esferas orgânicas em um sistema aberto com troca de energia e massa. Há um eixo de ligação inerente ao processo de evolução de uma civilização humana, seja antiga ou moderna, com o meio abiótico, o que confere ao geopatrimônio, em especial ao patrimônio geomorfológico, um grau de importância particular. O geopatrimônio apoia o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida, podendo ser utilizado e fruído em atividades de recreação e turismo, propiciando esta conexão entre geomorfologia, paisagem, cultura e as atividades de lazer.

A relação da Geografia com os estudos da paisagem datam do final do século XVIII, apresentando dois pontos de vista: uma visão naturalista, onde o ser humano se situava à margem da descrição dos elementos físicos da paisagem e suas relações, tendo nos trabalhos

pioneiros de Humboldt e Saussure sua base teórico-metodológica e; uma visão humanista, embasada nas pesquisas de La Blache, que enfatiza o elemento cultural da paisagem (Reynard, 2009), de onde descenderá o conceito de ‘Paisagem Cultural’.

Para tratar da relação específica entre a geomorfologia, o patrimônio cultural e a paisagem cultural, Panizza e Piacente (2003) elaboraram o conceito de Geomorfologia Cultural, que enfatiza o valor cultural do Patrimônio Geomorfológico. Para os autores, a Geomorfologia Cultural é a disciplina que estuda a componente geomorfológica de um território, onde estão inseridas as feições culturais da paisagem, assim como as interações entre a geomorfologia e o patrimônio cultural, seja do tipo arqueológico, histórico, arquitetônico, entre outros. Em outras palavras, a Geomorfologia Cultural é a ciência que estuda as Paisagens Culturais, em especial o elemento ‘relevo’.

Para a UNESCO, a Paisagem Cultural representa “o trabalho combinado do homem e da natureza”, segundo seu Art. 1º da Convenção do Patrimônio Mundial (1972). Coelho (1992) conceituou, de maneira genérica, Patrimônio a partir desta mesma ótica integrada entre os bens, materiais e imateriais, produzidos pela sociedade e o papel da natureza, quer enquanto matéria prima ou recurso para as atividades do ser humano, quer pela sua beleza estética. A Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1992, reconheceu a importância de proteger as ditas ‘Paisagens Culturais’⁵⁶.

A Paisagem Cultural consiste, assim, na importância do meio natural, na forma das grandes paisagens naturais, como as planícies fluviais, as montanhas, os desertos, as cavernas, o solo e clima favorável, para o estabelecimento do ser humano em um determinado terreno.

Desse modo, Paniza e Piacente (*op. cit.*) esquematizam dois pontos de vista, integrados e recíprocos, entre os elementos culturais e a geomorfologia. Em um sentido amplo, a geomorfologia pode ser entendida como um componente do patrimônio cultural de um território, como a tela de um pintor que representa os Alpes suíços. Corresponde à percepção da paisagem através de uma determinada expressão artística, onde o relevo é a fonte de inspiração, compreendendo o diálogo interdisciplinar entre as Geociências e as Ciências Humanas e Sociais. Em um sentido restrito, alguns componentes culturais, como a arqueologia e arquitetura, são inseridos em um contexto geomorfológico específico. As pinturas rupestres encontradas em uma gruta indicam que seres primitivos habitavam aquele ambiente como forma de proteção do exterior.

É pensando em ambos os aspectos da geomorfologia cultural que o presente trabalho se desenvolverá, a partir da metodologia abaixo seguida.

2. Metodologia e objetivos

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se em duas fases, a partir da proposta de Panizza e Piacente (2000), para o estudo da Geomorfologia Cultural.

Na primeira fase, para o entendimento da paisagem, processa-se a observação dos elementos físicos, descrevendo a evolução geomorfológica, onde o aparato cultural está localizado.

⁵⁶ UNESCO. Disponível em <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#1>. Acesso em 08 maio 2015.

Consiste, assim, no mapeamento geomorfológico do local, considerando sua importância para o estabelecimento das civilizações.

Na etapa II, inicia-se a consideração da relação dos elementos estudados na etapa I com o aparato cultural, em especial as causas geomorfológicas que condicionaram a sua instalação. Afinal, a história das civilizações, na forma de sistemas de defesa, edificações, agricultura, abastecimento de água, entre outros, sempre esteve atrelada aos aspectos da natureza, em especial aos elementos da geodiversidade.

Este trabalho visa relacionar as formas de relevo com o Patrimônio Cultural construído na Capitania da Paraíba, Nordeste do Brasil, através da análise de uma farta documentação histórica elaborada pelos viajantes durante o período colonial (1500-1822), na forma de textos e cartas (sentido restrito da Geomorfologia Cultural) ou iconográfico (sentido amplo). A relação entre relevo e o patrimônio cultural, que configura a Paisagem Cultural da área, ainda se apresenta praticamente sem pesquisas e divulgação, em um diálogo interdisciplinar entre geodiversidade e cultura.

Afinal, se a paisagem natural e suas feições geomorfológicas têm servido de inspiração para a literatura e as artes desde os primórdios do período colonial, nos tempos atuais ela tem sido ferramenta, basicamente, de estudos científicos relativamente herméticos, o que tem restringido a sua difusão junto de um público maior que não seja do meio acadêmico. Assim, busca-se, também, através desta análise de correlação do meio físico com o meio cultural, redescobrir um sentido de geoconsciência através do apelo estético que esta paisagem instiga e de sua importância para a sociedade primitiva.

3. A Geomorfologia da Capitania da Paraíba

A área de estudo pertence à unidade geomorfológica Planícies e Tabuleiros Litorâneos, de acordo com Ross (1985), possuindo relação direta com movimentações tectônicas antigas, geradas durante o afastamento das placas Sul-Americana e Africana (Asmus, 1975), somadas a eventos tectônicos cenozóicos (Bezerra e Vita-Finzi, 2000; Bezerra *et al.*, 2001, entre outros).

Podemos identificar 3 subunidades para a Capitania da Paraíba: a baixada litorânea (ou planície costeira), os baixos planaltos costeiros (ou tabuleiros litorâneos) e as planícies aluviais, que podem ainda ser subdivididas em fluviais e fluviomarinhas (Melo e Rodriguez, 2003). O topo dos tabuleiros é unido às planícies por vertentes relativamente íngremes, onde afloram os calcários da Formação Gramame, principalmente naquelas voltadas para o Rio Paraíba, segundo um eixo nordeste-sudoeste.

A baixada litorânea está em contato direto com o mar, possui altitude entre 0 e 10 m, cuja sedimentação quaternária de origem fluvial, marinha e fluviomarinha preencheu a planície costeira, dando origem a inúmeras feições geomorfológicas que foram mapeadas e descritas na documentação histórica produzida durante o período colonial. Nas margens do Rio Paraíba, ocorrem planícies aluviais com maiores altitudes, com presença de manguezais afastados até 12 Km da linha de costa, que denotam a sua importância ecológica. Na porção norte da área de estudo, a Restinga de Cabedelo, primeiro local de ocupação do colonizador português, separa o Rio Paraíba do Oceano Atlântico.

Os baixos planaltos costeiros, também conhecidos como tabuleiros litorâneos, correspondem a uma porção mais elevada do terreno, suavemente inclinados, com topos geralmente planos e basculados para leste, resultado da ação dos agentes exógenos que esculpiram a Formação Barreiras, incluindo a abrasão marinha sobre as falésias, outra forma deste litoral, na sua porção oriental. A maior parte do sítio urbano de João Pessoa está assentada sobre esta unidade geomorfológica e a escolha desta área pelo colonizador luso tem relação direta com a unidade. Segundo Brito Neves *et al.* (2004) e Rossetti *et al.* (2013), estes baixos planaltos foram resultados de amplos arqueamentos e de uma sucessão de pediplanos escalonados para o interior, subordinados ao paleoclima e em que a estrutura tipo *graben-horst* controlou a morfologia. Reativações de zonas de cisalhamento do embasamento, com direção E-W e NE-SW, a partir do EoCretáceo, atingiram os sedimentos da Formação Barreiras, formando escarpas de falhas que foram depois afeiçoadas por terraços aluviais, dunas arenosas, detritos de deslizamento, coluviões, solos e vegetação, e que serviram como delimitadoras do leito dos rios, enquanto as porções soerguidas foram dissecadas (Lima *et al.*, 1990). Assim, as cotas altimétricas do compartimento urbano dos tabuleiros mostram porções soerguidas (a oeste, cujas altitudes chegam a 70 m) e porções rebaixadas (entre o Rio Mumbaba e o Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba, onde as altitudes não passam dos 40 m), voltando a subir (no curso superior do Rio Cuiá), decrescendo novamente em direção a leste. Longe da área urbana desenvolveu-se a atividade canavieira, pela presença do fértil solo massapê, que se estende por algumas dezenas de quilômetros da linha de costa.

4. A Paisagem Cultural da Capitania da Parahyba na ótica dos viajantes do período colonial

A conquista da Parahyba foi resultado das intenções da Coroa portuguesa de expansão para o Norte. Antes de sua conquista, durante cerca de trinta anos, expedições aportaram na costa oriental e meridional da colônia, explorando basicamente o ‘pau de tinta’, dando origem ao primeiro ciclo desta era pré-colonial, o ‘ciclo do pau Brasil’.

Estas expedições de idas-e-vindas ao território colonial e a outras colônias portuguesas espalhadas pelo mundo formaram pressupostos candidatos a donatários das terras que passariam a ser doadas ao rei, a partir de 1531, terras estas denominadas ‘capitanias hereditárias’. A partir deste momento iniciar-se-ia uma efetiva colonização, onde as capitaniais do nordeste, especialmente as de Pernambuco e Itamaracá entrariam na pauta das discussões da estrutura econômica colonial. Os elementos da geodiversidade do litoral da Paraíba, a exemplo do relevo, as rochas, o solo, hidrografia, recortes litorâneos, entre outros, assim como sua biodiversidade, começaram a ser documentados por dezenas de viajantes. Neste caso, os relatos acerca dos elementos da biodiversidade (fauna e flora) superam quantitativamente os do meio abiótico.

Diversos viajantes, durante o período colonial, tiveram a oportunidade de conhecer o nordeste, assim como a Capitania Real da Paraíba e a sua capital, Nossa Senhora das Neves, primeiro nome da atual João Pessoa. Produziram farta documentação acerca do geopatrimônio desta capitania, em especial suas formas de relevo, num primeiro momento restrita ao núcleo urbano da capital e proximidades e, posteriormente, com a interiorização da ocupação, aos sertões.

Nos primórdios da ocupação, o assédio de franceses à costa setentrional da Capitania de Itamaracá, aliado aos gentios potiguares, nas redondezas da barra do Rio Parahyba, cada vez

mais ousados, obrigou o ouvidor geral Martim Leitão, autorizado pelo rei D. Sebastião, a organizar e até mesmo a participar em algumas expedições de conquista da banda norte da capitania, após a fundação da Capitania Real da Paraíba, cuja data mantém-se polêmica. Entre 1574 e 1585, quatro expedições tentaram conquistar estas terras, sendo que apenas a quinta foi bem sucedida. Todas estas expedições foram narradas na obra “*Summario das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio Parayba; escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovam de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a provincia do Brasil*”, ou de forma simplificada no “Sumário das Armadas”, cuja autoria e época de publicação permanecem objeto de discussão e investigação, apesar de a historiografia paraibana defender o nome dos padres da Companhia de Jesus, **Jerônimo Machado e/ou Simão Travassos**, que participaram das expedições de fevereiro e outubro de 1585, sendo esta última feita após a conquista, e ambas com a participação de Martim Leitão. A obra, a primeira especificamente associada à Capitania Real da Paraíba, é dividida em 24 capítulos e abrange uma temporalidade que vai de 1574, ano da primeira expedição, ao início de 1587, após a Paraíba ter sido conquistada e a cidade de Nossa Senhora das Neves dar os seus primeiros passos. É uma obra de inestimável valor histórico pois seu autor se diz ‘testemunha de vista’ dos acontecimentos e apresenta fartos pormenores, tanto dos embates inerentes à relação português/indígena/francês, naquele contexto histórico, quanto da paisagem natural que o circundava. Nesta perspectiva, o meio abiótico, em especial os recursos hídricos, o relevo, o solo e as rochas são alguns elementos da paisagem que foram detalhadamente inseridos nos relatos do “Sumário”, sendo que o relevo será aqui divulgado por esta ótica.

A obra ‘Summario’, em seu primeiro capítulo, denominado “Ideia particular destas partes e geral do Brasil”, pode ser subdividida em três partes: numa primeira, o autor descreve os elementos geológicos e geomorfológicos do estuário do Rio Paraíba onde, segundo o autor, o rio corre “até a ponta de Cabedelo que he já dentro” (Summario, 1848, p. 25), sendo esta ponta uma extensa península que separa o Rio Paraíba do Oceano Atlântico, correspondendo a um terraço marinho holocênico, formado na última transgressão marinha, ocorrida a 5,10 Ka AP. Registra a largura da barra do rio, a presença de bancos de areia que afloram nas marés baixas, a Ilha da Restinga, a possibilidade de bom calado para embarcações de grande porte, sempre comparando com os portos de Itamaracá e Pernambuco e cita a presença de recifes tangenciando a costa. Estes recifes são do tipo rochoso, os ‘*beach rocks*’, que se estendem por até 8500 metros, sendo depósitos consolidados que resultam da litificação por calcita de sedimentos na zona entremarés, típicos de costas tropicais, quentes e fólicas (Turner, 2005) que, segundo Suguio (1998), são formados por arenitos e conglomerados, cimentados por calcita, possuindo conchas fragmentadas ou inteiras de moluscos. Uma vez que o topo destes recifes pode aflorar acima do nível médio do mar atual, e considerando estas rochas foram datadas, possuindo idades acima de 5,5 Ka AP (Suguio et al., 2013), podemos inferir que houve um rebaixamento no nível do mar na segunda metade do Holoceno, o que possibilitou ao autor do “Sumário” visualizar o topo destes recifes, mesmo situando-se a cerca de 1300 metros da linha de costa. Este rebaixamento pode ter relação com o início da Pequena Idade do Gelo, que data desta época, se estendendo até meados do século XIX.

A segunda e terceira partes deste capítulo se entrelaçam, uma vez que se referem aos hábitos dos gentios potiguares, enaltecendo sua personalidade guerreira, ao mesmo tempo que discorre positivamente sobre a funcionalidade da biodiversidade, em especial sobre o relevo da

planície fluvial. Dá ênfase à qualidade das várzeas, gerando um solo alagado na medida certa para a profusão de uma vegetação densa de manguezais e de um pau Brasil que o autor descreve como “as matas das arvores são muito maiores e muito mais altas e grapas” (Summario, 1848, p. 26), além de “ter mais pao brazil que Pernambuco he muito melhor porque quanto mais para o norte tanto melhor [...] O pao desta Capitania he o mais e o melhor [...] mais de lei que todas as outras [...].” (Summario, 1848, p. 26-31), além de toda qualidade de mantimentos, como a mandioca, “tão grossa como grandes nabos maz com raizes compridas com muitas pernas e tenras” (Summario, 1848,p. 27), e seu derivado beiju, “que são redondos como mangueas, [...] pouco mais groços que hóstias he muito bom comer” (Summario, 1848, p. 27), bem como a potencialidade do cultivo de cana, na porção da península de Cabedelo, cuja várzea é “toda retalhada de esteiros e rios caudaes de água doce que podem dar mais de quarenta engenhos de asucar por toda a terra [...] por ser Rio morto e pelo menos no inverno todo navegável” (Summario, 1848, p. 26). Nestas entrelinhas, podemos identificar a percepção que o autor possui sobre o valor funcional da biodiversidade, uma vez que a morfologia do relevo propicia a formação de solos aluviais que representam o último pacote sedimentar depositado na área, na forma de depósitos aluviais de canal fluvial. São argilas, cascalhos e muita matéria orgânica em decomposição, depositadas no Holocênico, agindo como um habitat para os biomas descritos no “Sumário”, como a mata atlântica e seu pau Brasil e as formações litorâneas, neste caso os manguezais. Toda este sistema ambiental costeiro e fluvial é o resultado de uma interação entre atmosfera, cujas variações meteorológicas geram um clima tropical litorâneo, com chuvas concentradas no inverno; biosfera, em especial, a flora; litosfera, representada pelos depósitos aluviais; e a hidrosfera, através da singularidade de um estuário ricamente descrito pelo autor, onde a água doce do rio se mistura de maneira harmoniosa com a água salgada do mar, durante as marés altas. Os nativos da área sabiam tirar proveito do que este ambiente propício fornecia, como o autor bem discorre neste primeiro capítulo.

Logo após o ‘apertar de mãos’ que selou o acordo de paz entre os índios tabajaras e os portugueses, aos pés do plano de falha do Rio Sanhauá, que separa a cidade alta da cidade baixa e que simboliza, segundo os historiadores, a conquista da Capitania da Paraíba, os líderes locais iniciaram o reconhecimento da paisagem das redondezas, com o intuito de verificarem as reais possibilidades de fixação do assentamento humano e da futura expansão urbana. Afinal, este reconhecimento do sítio que daria lugar à sede da capitania régia era necessário e mesmo obrigatório, considerando que as instruções dadas ao capitão João Tavares faziam parte das Ordens do Reino. Todas as cidades fundadas na colônia deveriam seguir um padrão comum, que consideraria alguns condicionantes pertencentes à biodiversidade, a exemplo da salubridade do local, terra, facilidades de acesso e comunicação, proximidade dos rios, porto abrigado de ventos, entre outros, além dos procedimentos de divisão de terras, organização hierárquica da administração, entre outras. Assim, o ouvidor-geral Martim Leitão percorreu os arredores do Ribeiro de Jaguaribe ao Cabo Branco, retornando com a confiança de que o lugar previamente escolhido era o melhor lugar, uma vez que possuía afloramentos calcários para fornecimento de pedra para cantaria e cal, um porto protegido de ventos, água doce brotando das rochas e uma elevação que possibilitava visualizar grande parte da planície fluvial que repousava aos pés do sítio. E, distante seis léguas do litoral, naquele momento desguarnecido de sistemas defensivos, o único forte então construído, o Forte de São Filipe e São Tiago, estava abandonado. Como se vê, as formas de relevo foram fundamentais para a primitiva ocupação e fixação do colonizador na região, justificando a análise da sua descrição e registro pelos diversos

documentos específicos ao longo do tempo histórico delimitado pelo período colonial. O Forte de Cabedelo e da Restinga seriam construídos para formar o triângulo defensivo que protegeria a desembocadura do rio, principal local de acesso para se atingir a cidade de Nossa Senhora das Neves, localizada 10 Km foz acima.

O Forte de Cabedelo, que evoluiu para uma fortaleza apenas no século XVII, constitui um dos monumentos histórico-arquitetônicos mais importantes da área, resultado da valorização histórica do terraço marinho holocênico, nas proximidades do estuário do Rio Paraíba, cujo sítio foi selecionado estrategicamente como um ponto de defesa ao oferecer excelente visão do baixo curso do rio e do seu vale, bem como um amplo panorama do oceano à sua frente.

Assim, os detalhes do estuário do Rio Paraíba, com seus terraços férteis onde abundavam plantações de cana-de-açúcar, desembocando em um oceano cujos arenitos praiais formavam um obstáculo natural e a presença da restinga, acabaram por inspirar a maior parte dos relatos existentes no período colonial.

A partir de um segundo regimento enviado pelo Rei Phillippe II de Portugal, em 31 de agosto de 1612, ao então governador geral do Brasil, Gaspar de Sousa, o sargento-mor Diogo de Campos Moreno realizou, entre 1612 e 1613, um impressionante levantamento cartográfico de todas as capitaniais brasileiras sob administração de D. Diogo de Menezes (1608 a 1612), apresentando dados estatísticos, econômicos, militares e geográficos (Moura Filha, 2003), entremeados por detalhes da biodiversidade, visando o reconhecimento da ocupação, povoamento, defesa e economia do território, então sob o domínio da União Ibérica. O resultado deste levantamento foi a obra “O livro que dá razão do Estado do Brasil”, publicado em 1616, cuja representação cartográfica ficou a cargo do cosmógrafo João Teixeira Albernaz, o Velho, que não participou das expedições e inseriu os mapas posteriormente.

Esta obra sucede à “Relação das praças fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil”, que o sargento havia publicado em 1609 e que é referida como contendo a primeira representação cartográfica da cidade. A cidade nascente foi retratada na planta intitulada ‘Capitania da Paraíba a 6 graos a sul da Equinocial - 1609’, de autoria desconhecida, tendo sido descrita como uma

[...] povoação, a que chamam cidade, há três mosteiros, com seus frades, a saber, um de São Francisco, que bastava, mui bem acabado e capaz de muitos religiosos, um do Carmo, que se vai fazendo, e um de São Bento que se fabrica e uma Casa da Misericórdia mui bem lavrada e a Sé mais pobre que todas, porque não é particular (Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo (referência PT/TT/MR/1/68).

A iconografia mostra uma visão geral do curso inferior do Rio Paraíba (figura 1a) e, em primeiro plano, à direita, o Forte de Cabedelo, resguardando a foz do rio e, à esquerda, circulado, a cidade de Filipeia N. S. das Neves, detalhada na figura 1(b). A legenda original da figura 1 (a) está representada na figura 2, com sua transcrição, em que os elementos do relevo predominam, como a citação da localização dos bancos de areia, informações acerca do estuário do Rio Paraíba e a presença da cidade, no alto de um ‘monte’ (ponto F).

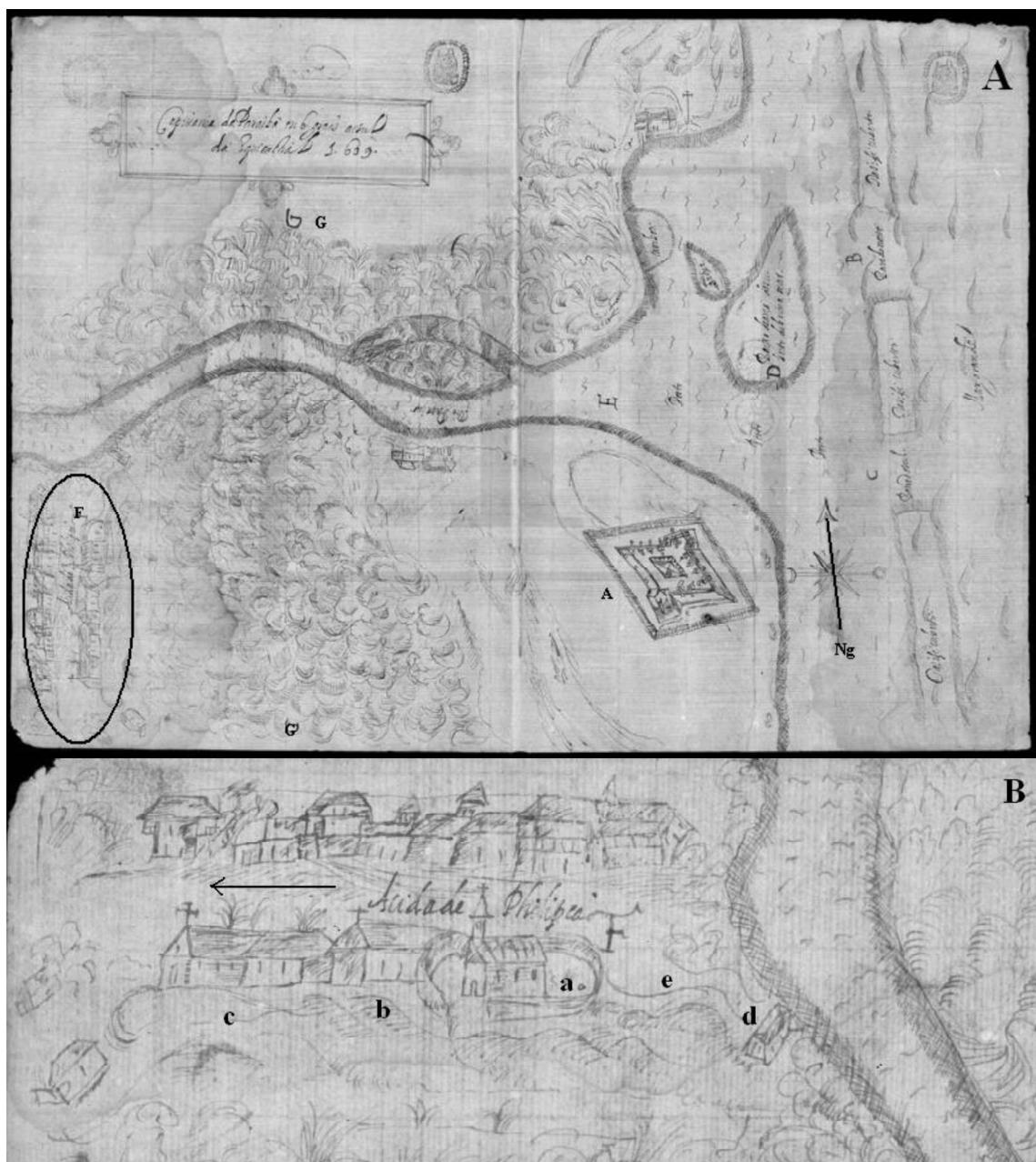


Figura 1 - Desenho 'Capitania da Paraíba em 6 graos a sul da Equinocial - 1609', mostrando a foz do Rio Paraíba, à direita, cercada de uma paliçada e, à esquerda, a mancha urbana da Filipeia N. S. das Neves (letra 'f'). b-Detalhe da cidade e seu porto, sendo a-Convento de São Francisco, b-Igreja de N. S. do Carmo, c-Igreja e Mosteiro de São Bento, d-Porto do Varadouro, com o armazém e e-ladeira de São Francisco, que liga a cidade alta à cidade baixa (Porto de Varadouro). A flecha representa a Rua Nova.

Fonte: *Relação das praças fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil, 1609* (extraído e modificado de Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo, referência PT-TT-MR-1-68_m0016).

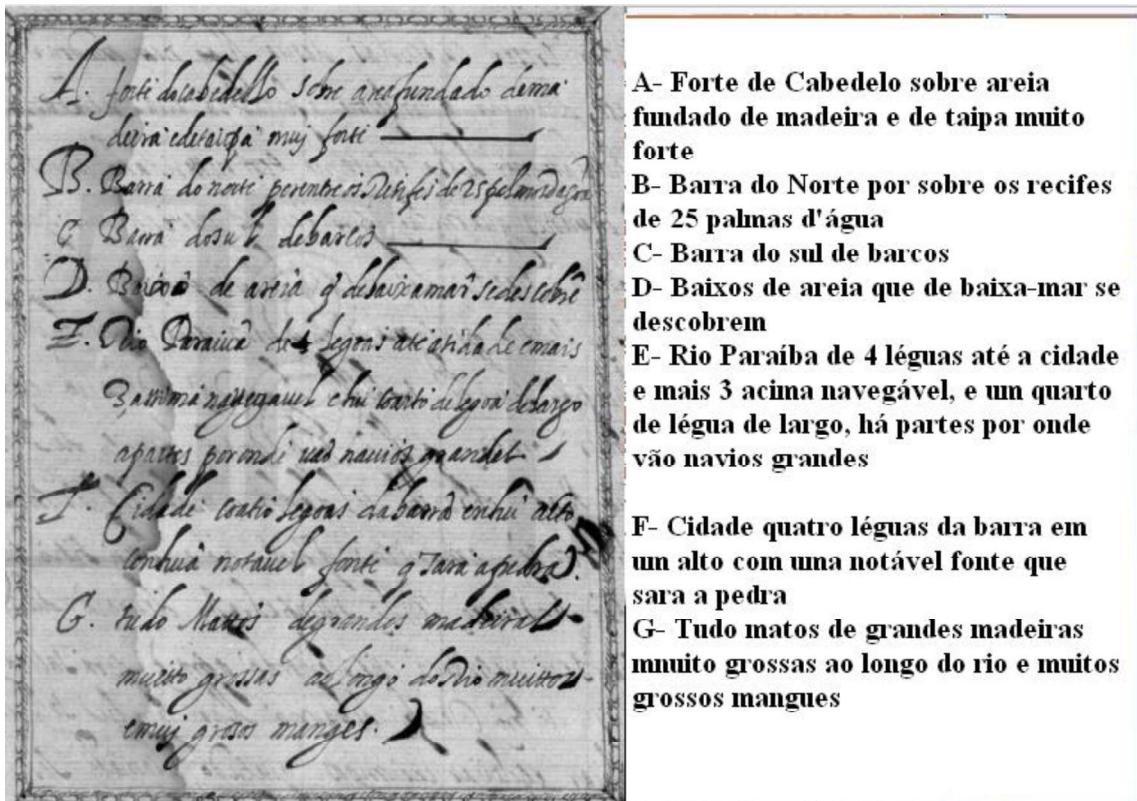


Figura 2 - Legenda original do mapa ‘Capitania da Paraíba a 6 graos a sul da Equinocial 1609’, de autoria de Diogo de Campos Moreno, à esquerda, e a transcrição de seus elementos, à direita. Fonte: Ministério do Reino, *Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo, referência PT-TT-MR-1-68_m0014*).

Nesta época, o sítio urbano já estava claramente configurado em uma cidade alta e uma cidade baixa, reproduzindo os moldes das urbanizações realizadas em Portugal desde o século XIII, cuja divisão espelhava as atividades político-econômicas do período. Esta compartimentação estava relacionada com a topografia, sendo a cidade baixa, conhecida como Varadouro, a área da planície fluvial do Rio Sanhauá, afluente da margem direita do Rio Paraíba; a cidade alta incrustada nos baixos planaltos, ou tabuleiros, principal feição geomorfológica local. Mas também refletia uma clara segregação funcional e socioeconômica, que se perpetuou ao longo dos tempos, onde na porção inferior da cidade, no núcleo primitivo, se formou o porto, o forte, o armazém e, posteriormente, as atividades comerciais (ponto ‘d’ no mapa), nomeadamente o embarque dos produtos que deveriam integrar o mercado ultramarino. Na cidade alta constroem-se os prédios religiosos (pontos ‘a’ ao ‘c’), as primeiras residências, traçam-se as primeiras ruas e, mais adiante, os prédios administrativos (Teixeira e Valla, 1999), tendo na Rua Nova imóveis dos homens de administração pública e proprietários rurais de alto poder aquisitivo, a exemplo de Duarte Gomes da Silveira⁵⁷. O elo de ligação era a ‘ladeira do São Francisco’ (ponto ‘e’).

A primeira consideração que devemos traçar visualizando esta representação iconográfica diz respeito à posição geográfica e ao sítio da cidade. Dois aspectos devem ser levados em consideração neste ponto: 1) a preocupação estratégica com a defesa do território, com a

⁵⁷ Na tese de Moura Filha (cf. Moura Filha, 2004, p. 194), sugere-se, utilizando como fonte escrituras de lote doadas ou vendidas ao Mosteiro de São Bento que, em 1612, na Rua Nova, as principais edificações existentes eram a Igreja Matriz, Casa da Câmara (na esquina), cadeia, açougue velho, Igreja de São Bento (em construção) e algumas residências, como as de Gaspar Gonçalves, Pedro de Lião, João de Heredia e Pedro Álvares.

delimitação da posição dos fortões; 2) a edificação da cidade no período da União Ibérica, momento em que a cultura e a forma de administração espanhola influenciam as práticas portuguesas. Estes dois fatores associados nos permitem compreender a escolha do lugar em que a cidade foi edificada e a forma de seu traçado urbano. Fatores como a ameaça da invasão francesa e a necessidade de resguardar-se dos aglomeramentos indígenas resistentes ao contato, marcaram o seu posicionamento (Pereira e Amaral, 2014). “O sítio natural, assim, articula-se intimamente com a evolução urbana e com o processo de produção e apropriação do espaço da cidade, constituindo tanto um dos elementos [geo]morfológicos básicos da cidade quanto participante da sua estruturação, influindo na segregação e podendo destacar percursos” (Silveira, 2004, p. 86).

Os mapas do “Livro que dá Razão” foram desenhados em pergaminho e pintados a aquarela, com dimensões 0,566 m x 0,400 m (Pinto, 1977). Segundo Almeida (1978, p. 163-164), Varnhagen divulgou trechos esparsos deste livro, e a edição integral foi lançada “pelo Arquivo Público do Estado de Pernambuco, com introdução e notas de Hélio Viana [...]” .

Ao descrever a cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, faz referência ao sítio urbano, que “está situado em hua llanura [planície], q se faz em alto desabafada, viltosa e de bons ares, e aguoas com sua fonte particular, q a sua aguoas é remedio notavel contra o mal da pedra [...]”⁵⁸ (Livro, 1968, fl. 72, grifo nosso). Faz uma varredura na composição demográfica, com oitenta vizinhos brancos, e arquitetônica da cidade, com ‘tres mosteiros e hum delles de aspecto mui sumptuoso com outros edifícios nobres e pedra e cal, q quada dia se aumentão’⁵⁹ (Livro, 1968, fl. 72). Ao final traça rasgados elogios à Capitania, onde ‘será este hum dos mais favorecidos povos particulares de toda a costa’, ainda mais se ocorresse uma união com Itamaracá, prenúncio do que haveria de acontecer 150 anos depois, com a anexação da Paraíba a Pernambuco. Finaliza com a preocupação de se fortificar a cidade, que dá bons lucros ao rei, com a exploração do pau Brasil considerando ser uma capitania real, e não de donatário (Livro, 1968, fl. 72).

A gravura ‘Paraíba ou Rio São Domingos’, datado de 1626, está representada na figura 3 (a). Esta gravura é uma das várias que ilustram o “Livro que dá Razão do Estado do Brasil”, sendo Diogo de Campos Moreno o responsável pelo levantamento cartográfico feito em 1612 e João Teixeira Albernaz I (o Velho) pela produção cartográfica. Em (a), podemos ter uma visão completa do sítio em que a cidade foi edificada, marcada com um círculo, assim como o curso inferior do Rio Paraíba, os engenhos, suas ilhas, barra e o forte de Cabedelo. Pela legenda, representada na figura 4, os pontos ‘a’ e ‘b’ - barras formadas por um gigantesco banco de areia depositado no local são elementos costeiros descritos que servem para facilitar ou dificultar a passagem dos navios, conhecimento pertinente e relevante, face à política mercantil da época.

⁵⁸ ‘Mal das pedras’ referia-se ao problema de pedra nos rins, mal tão comum naquela época e que se estendeu aos dias atuais.

⁵⁹ Este prédio ‘sumptuoso’ refere-se, provavelmente, ao Convento de São Francisco, corroborado, poucos anos depois, por Ambrósio Fernandes, quando o considerou “o melhor dos daquela ordem de todo o Estado do Brasil” (cf. Brandão, 1977, p. 49).



Figura 3 - a) Cópia fotográfica do mapa intitulado 'Paraíba ou Rio São Domingos', com uma visão ampla da cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves, circulada, e do curso inferior do Rio Paraíba. Não foi encontrado o ponto 'D' no mapa. b) Detalhe da área circulada, sendo G-Cidade de Filipeia de N. S. das Neves, L-Igreja de N. S. do Carmo, M-Convento de São Francisco, O-Santa casa da Misericórdia e P-Mosteiro de São Bento.

Fonte: LIVRO (1968, fl. 75).

PARAÍBA OU RIO DE SÃO DOMINGOS	
A	A barra do Norte com quatro braças
B	A barra do Sul boa para barcos
C	baixo de area q des cobre as mares
D	Cítio onde esteve o ^{ro} Forte
E	Forte q chamão do Cabedelo;
F	Caminho pelo rio até o ancoradoiro
G	Cidade filipeia de Nossi. snoi. das. ne
H	Caza q foy Forte do Imobo.
I	Caminho das fronteiras.
L	O mosteiro de N. S. do Carmo.
M	o mosteiro dos Capuchos
N	A igreja matriz.
O	A caza da Mizericordia
P	A caza de São bento.

Figura 4-Legend original, à esquerda, do Mapa 'Rio Paraíba ou São Domingos', de autoria de João Teixeira Albernaz I e a transcrição, à direita, de seus elementos.

Fonte: LIVRO (1968, fl. 75).

A figura 3 (b) detalha, mesmo com uma feição gráfica ingênua, a cidade de Filipeia, destacando alguns elementos de sua paisagem.

Pelas características da área escolhidas para serem inseridas na legenda, transcrita na figura 4, podemos concluir que era interesse do autor a representação dos fortés e edificações da cidade nascente.

A partir de uma visão da figura 3 (b), no alto da colina, frondosas árvores de Mata Atlântica foram cartografados nos arredores da cidade, e no seu entorno os engenhos. A ladeira de São Francisco, primeiro caminho ligando a cidade baixa à cidade alta, sutilmente foi representada na porção inferior direita do mapa, através de um declive de cor mais escura, assim como o ancoradouro e o armazém, no Rio Sanhauá. O grau de detalhe da representação mostra um traçado complexo das ruas, apesar de irregular e com alguns erros de cartografia. Menezes (1985) sugere que a suposta ausência de um levantamento planimétrico mais eficiente da cidade teria colaborado para isto. O Convento de São Francisco (ponto M), por exemplo, teria como eixo de ligação à Santa Casa (ponto O) a Rua Nova, o que não acontece de fato. E a Rua Direita, nesta iconografia, não foi representada.

Araújo (2012) alerta para a importância desta planta no entendimento da geometria das formas que consolidaram o sítio urbano de Filipeia, em especial na configuração das redondezas do ancoradouro. O autor identifica dois pontais ou promontórios, no extremo direito da figura 3 (b), em cima e em baixo, que representariam os terraços estruturais modeladores das vertentes que correm para o oeste e são responsáveis, por exemplo, pelos afloramentos de águas subterrâneas.

Entre 1634 e 1654, a capitania esteve sob domínio holandês. Ao findar este período, o principal legado por eles deixado refere-se aos registros escritos e iconográficos deste período, com uma precisão de detalhes cujos interesses envolviam, tanto adquirir informações sobre a situação dos engenhos, quanto meramente descrever as características de Frederica⁶⁰ e de seus arredores.

Em 1634, por exemplo, a cidade de Frederica foi representada por Claes Jansz Visscher, cujo detalhe pode ser visto na figura 5(a), representando parte do desenho denominado “Afeelding der Stadt em Fortressen Van Parayba”, ou simplesmente “Parayba”.

Num plano mais amplo, visualizado na figura 5(b), esta estampa mostra os eventos decorrentes da chegada dos holandeses na região, os trajetos e os elementos fortificados erguidos pelos portugueses para dificultar este avanço. A legenda da ilustração, na figura 6, ressalta estes elementos, como o local de desembarque das tropas, na praia, alguns quilômetros a sul da barra do rio Paraíba; o avanço pelo Rio Paraíba e a tomada da fortaleza de São Bento, denominação dada para o fortim na ilha da Restinga; as várias trincheiras, ou ‘aproches’-fosso, encontrados no caminho, nas redondezas dos fortés, assim como os fortés, a exemplo de Cabedelo e Santo Antônio. Nas proximidades do forte de Santa Catarina, os holandeses ergueram uma verdadeira muralha fortificada, com baterias e quartéis, a exemplo do assinalado como o do “Governador Sigmundus von Schoppen”, e colocaram barcos vigiando o curso inferior do rio. Este mesmo governador teve sua embarcação encalhada em um baixio no Rio Paraíba, no canal sul da Ilha da Restinga. Esta característica morfológica do rio será retratado em outras gravuras, a exemplo

⁶⁰ Nome dado pelos holandeses à cidade de João Pessoa.

da obra ‘Frederica Civitas’, datada entre 1637-1645, de autoria de Jan Van Brosterhuisen e ‘Frederice Stadt’, de Johannes Vingboons (1640).

Pormenorizando a visão que o autor tem da cidade de Frederica, podemos notar na figura 5(b) a regularidade do traçado das ruas, em xadrez, e algumas edificações mais proeminentes, além da delimitação de lotes de terras nos arredores da zona urbana. Em (a, em baixo), podemos ver o detalhe do traçado urbano de Frederica, com sua bem marcada disposição de lotes e quadras, sendo enumerados alguns novos elementos da cidade, daqueles traduzidos na legenda original, entre eles a ladeira de São Francisco, principal elo de ligação entre a cidade baixa e a cidade alta, com uma fortificação no Varadouro. O Largo da Câmara, com o pelourinho, pode ser identificado, assim como as igrejas das principais ordens religiosas. A Igreja Matriz, com a posição frontal invertida, mostra-se superestimada, pois segundo relatos de Herckmans (1982), descritos posteriormente, estava arruinada e em obras. O Convento de São Francisco, sede dos representantes da Companhia das Índias Ocidentais e seus soldados, aparece fortificado. A legenda original, em alemão, com sua tradução aparece na figura 6.

Elias Herckmans foi nomeado terceiro diretor da Capitania Real da Paraíba, entre 1636 e 1639.

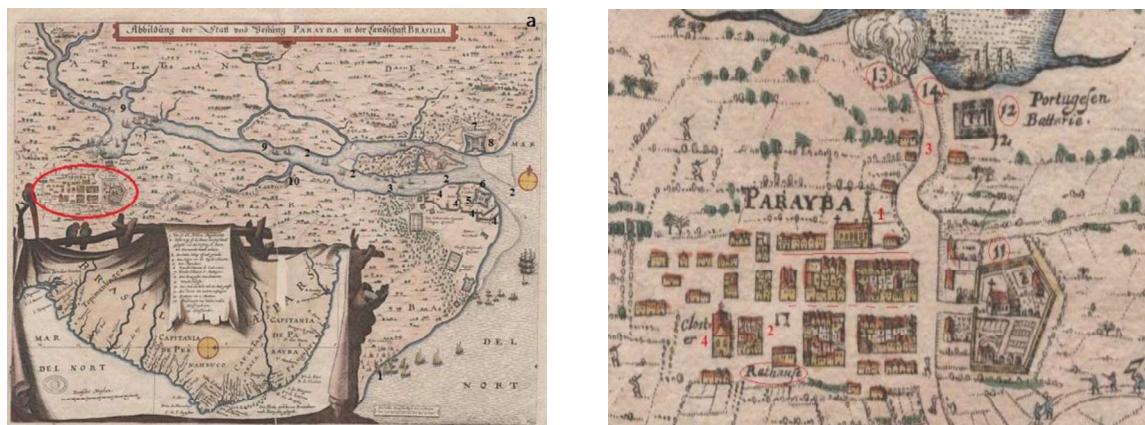


Figura 5 - Obra ‘Parayba’, de Claess Visscher (1634). a) Visão geral da obra, com o Forte do Varadouro às margens do Rio Sanhauá e a cidade de Frederica circulada. b) Detalhe da cidade de Frederica, com a enumeração de alguns elementos. Os números originais, que estão circulados em vermelho, foram transcritos na próxima figura. Os demais, em vermelho: Nº 1-Igreja Matriz; 2-Largo da Câmara (Rathaus) e o Pelourinho; 3-Ladeira de São Francisco e; 4-Santa Casa da Misericórdia. A linha tracejada representa a Rua Nova e a contínua, a Rua Direita. Nota-se a presença de uma terceira rua, não referenciada na bibliografia, paralela à Rua Direita. A cidade, a sul, termina de forma abrupta. Norte para cima.

Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, documento AHU_CARTI_014,D.1642

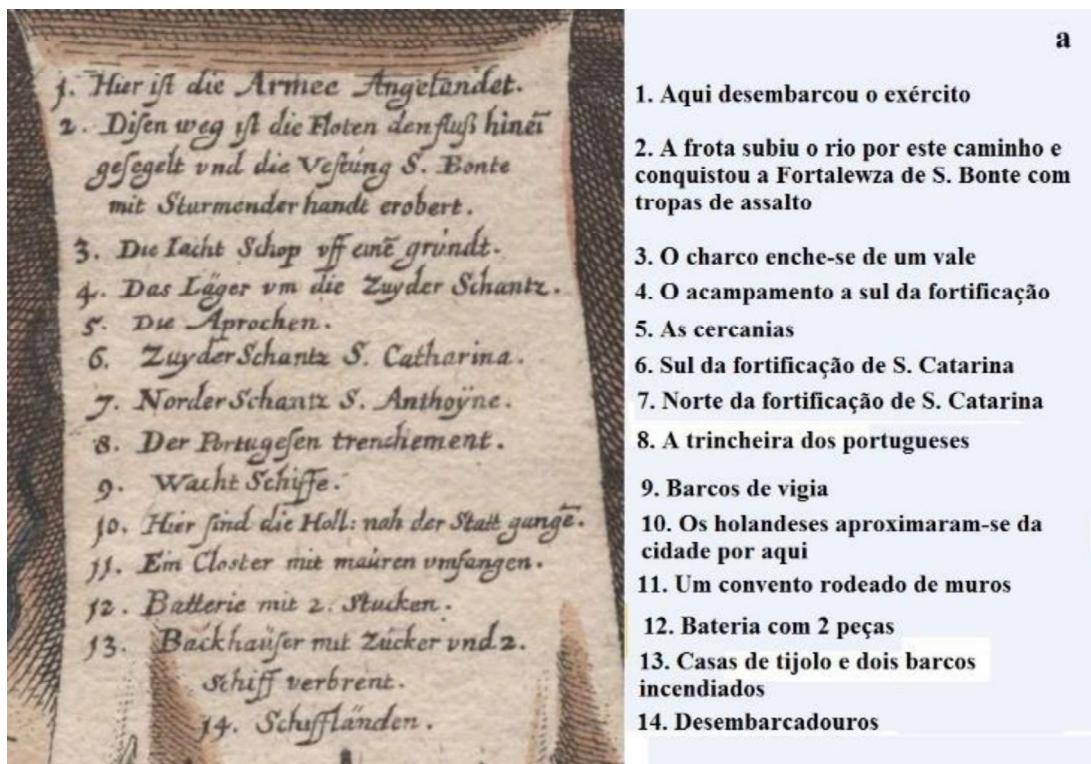


Figura 6 - Legendas originais da figura 5 com a transcrição, à direita, de seus elementos.

Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, documento AHU_CARTI_014,D.1642.

Neste interim, desenvolveu um relatório minucioso sobre vários aspectos da Capitania da Paraíba, tais como as características físicas das suas principais bacias hidrográficas, aspectos urbanos de Frederica e hábitos cotidianos dos índios tapuias, moradores no interior da Capitania. Este relatório, escrito em 1639, foi impresso apenas em 1879, na Crônica do Instituto de Utrecht, na Holanda e, no Brasil, foi divulgado pelo historiador pernambucano José Higino, em 1887, quando foi feita a publicação, com o título “Descrição Geral da Capitania da Paraíba”, na revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, tomo 5, número 31, páginas 239 a 288. Na Paraíba, entretanto, este livro foi publicado apenas em 1911, no Almanaque do Estado da Paraíba (Herckmans, 1982), de onde foi extraído este texto.

Dividido em três partes, na primeira e mais densa, sem título, o autor faz uma descrição completa, inicialmente, da bacia do Rio Paraíba, através de sua foz e afluentes, adentrando na cidade de Frederica e, posteriormente, avançando rio acima, descrevendo os inúmeros engenhos associados aos terraços fluviais. Ao afirmar que “Em águas, ares e fertilidade é esta a Capitania uma das regiões mais saudáveis do Brasil” (Herckmans, 1982, p. 9), o autor antecipa os elogios aos aspectos naturais da Capitania que perpassam por todo o relatório, assim como relata que “fora do Varadouro, subindo o rio durante os Barreiros, que quer dizer sítio onde há muito barro, e aí se costuma cozer muitos vazos e telhas para as cobertas das casas” (Herckmans, 1982, p. 17).

Os **recortes litorâneos**, sejam da atual porção do litoral urbano, seja do litoral sul do Estado, com seus elementos associados, foram descritos tanto por Gabriel Soares de Sousa quanto por Herckmans.

Em suas andanças que resultaram no livro ‘Descrição geral da Capitania da Parahyba’, Herckmans faz também uma varredura pelo litoral sul, ao longo de algumas de suas bacias e recortes litorâneos. A respeito da bacia do Rio Gramame, que desagua ao sul da cidade de Frederica, o autor descreve um elemento pertinente do relevo, ao qual denomina de ‘campina’, explicando, em seguida, tratar-se dos tabuleiros ou terra alta. Segundo o autor, “do Gramame segue um caminho pelas campinas o qual passa meia léguas à mão direita por diante desta aldeia [...] Campina é a terra alta ou tabuleiro do Gramame que do mesmo rio ao Taperubu tem quatro léguas de largo” (Herckmans, 1982, p. 24). Esta área reconhecida por Herckmans, em estudos geomorfológicos posteriores, foi considerada como representando os terrenos mais altos do litoral paraibano, consequência de eventos tectônicos pós Cretáceo.

Estes tabuleiros, também chamados de baixos planaltos, desenvolvem-se sobre o escudo cristalino e apresentam, em sua face voltada para o mar, falésias, como a de Cabo Branco. No texto, o autor faz referência à ‘Ponta de Cabo Branco’, atual ‘Ponta do Seixas’, ponto mais oriental das Américas, onde a “quatro ou cinco léguas desta baía [Popoca] para o norte se acha o Cabo Branco; é uma ponta que se faz mui branca a quem vem do mar, e por isso assim se chama. Daí até o Cabedelo ou barra do Paraíba se contam diretamente quatro léguas pelo mar, mas por terra contam-se seguramente seis por causa da grande curva que faz a costa, a modo de meia lua” (Herckmans, 1982, p. 25). Ao afirmar que por terra a distância do Cabo Branco a Cabedelo é maior do que por mar, o autor está fazendo referência aos recortes do litoral de Frederica e da restinga de Cabedelo, formada pelas enseadas das praias de Cabo Branco, Tambaú, Manaíra, Bessa, Intermares, Ponta de Campina, Poço, Camboinha, Areia Dourada, Formosa e Miramar.

Frederica e o vale do Rio Paraíba serviram ainda de inspiração artística para belíssimos perfis traçados, conforme o sentido lato da Geomorfologia Cultural. No primeiro caso, a pintura intitulada “*Parayba*”(figura 7a), na altura do Rio Sanhauá, de autoria provável de Frans Post (1647), pintor da comitiva de Nassau, e que ilustra o livro de Barleus com uma estampa na versão latina, onde se pode identificar o Convento franciscano no morro, à esquerda, o armazém e fortaleza, no porto, e uma edificação de grande porte, no centro, que poderia ser identificada como a Santa Casa, todos circundados por uma densa área verde, que marca a paisagem (figura 7b). O brasão da Paraíba, na parte superior esquerda da gravura, foi idealizado por Nassau, sendo representado por seis pães de açúcar, de forma piramidal, dispostos em três fileiras formando um triângulo. Esta representação confirma a importância do açúcar paraibano para a economia colonial já que, mesmo que Pernambuco possuísse 120 engenhos contra os 18 da Paraíba, o açúcar paraibano era de melhor qualidade (Almeida, 1978).

Os passeios pelo estuário do Rio Paraíba fascinaram e inspiraram artistas a pintarem belíssimas obras que retrataram o cotidiano local e a relação dos moradores com o meio que os circunda. A desembocadura do rio Paraíba foi retratado no livro de Barleus (figura 8), de autoria de Frans Post, denominada *Ostium Fluminis Paraybae*, de 1647). Pode-se ver, em segundo plano, o forte de Margarida, nova denominação do Forte de Cabedelo durante o domínio holandês e, do lado oposto, o Forte de Santo Antônio; em primeiro plano, uma bananeira, planta tropical que os holandeses desconheciam até então. O desenho retrata também os hábitos diários dos moradores da barra do rio, como o transporte manual de mercadorias, o trabalho escravo nos engenhos, vestimentas, o aperto de barcos, a pescaria, entre outros, mostrando o papel fundamental da natureza sobre o cotidiano destes moradores.



Figura 7- a) Vista da Frederica, em segundo plano, no alto do morro, a partir do Rio Sanhauá; b) Detalhe da cidade alta e baixa, onde A-Rio Paraíba; B-Cidade de Frederica (cidade alta); C-Convento de São Francisco; D-Armazém; E-Forte, e entre o Convento de São Francisco e o forte, a ladeira de São Francisco.

Fonte: modificado de REIS FILHO, 2000, CD rom.



Figura 8 - Gravura retratando o cotidiano dos moradores na barra do Rio Paraíba, presente no livro de Gaspar Barleus, com o forte de Cabedelo, em segundo plano.

Fonte: Barleus (1940).

Conclusões

A paisagem é um componente cultural do território em que se misturam elementos naturais e antrópicos. A percepção do valor cultural da paisagem pode ser identificada através de expressões artísticas específicas, como pintura, poesia, música, entre outros, correspondendo ao sentido lato da Geomorfologia Cultural, conforme Panizza e Piacente (2003), assim como os registros textuais em documentos históricos atestam a importância das formas do relevo para a fixação de determinada civilização, o que corresponde ao sentido restrito da Geomorfologia Cultural.

Para tanto, algumas pessoas acompanhavam as expedições, a serviço do Rei ou da Igreja e registravam, através de dados escritos (textos e cartas) ou iconográficos (plantas e desenhos), todas as informações que fossem pertinentes ao Reino na perspectiva de ‘se conhecer para explorar’. Com “classes sociais variadas, profissão e formação intelectual diversificada, descreveram aspectos do Brasil, através de crônicas, relatos de viagem, correspondência, memórias, diários e álbuns de desenhos. O conjunto de obras por eles deixadas integra a chamada “*literatura de viagem* e se constitui numa *literatura de testemunhos [...]*” (CALDEIRA, 1991, p. 17). Pode-se também citar a importância de viajantes estrangeiros que por aqui estiveram, seja como invasores, a exemplo dos franceses e holandeses, seja como aliados da Coroa Portuguesa, como os espanhóis na época da União Ibérica, ou os ingleses, após a ‘abertura dos portos’, em 1808, que também deixaram um legado de suma importância para conhecermos a história de um período especial da formação de nosso território. No contexto histórico de colonização, o objetivo da maior parte destes cronistas era documentar informações que assegurassem a maior descrição possível sobre este novo território, envolvendo, por exemplo, tanto os hábitos culturais dos povos indígenas, até as características da fauna e flora presentes, ou seja, sua biodiversidade.

A geodiversidade, enquanto diversidade abiótica, que envolve, entre outros elementos, os de cunho geomorfológico (formas de relevo, depósitos e os processos que os geraram), era um dos principais objetos de análise por parte destes cronistas, uma vez que era interesse preliminar da Coroa, em um primeiro momento, explorar o substrato rochoso da colônia atrás de minérios que viesssem a enriquecer o Reino, assim como, num momento posterior, se fixar no recente território ‘descoberto’. Assim, estes cronistas estavam valorizando, mesmo sem saber, a geodiversidade da terra conquistada e o seu geopatrimônio, e divulgando-a além-mar, apesar destas ações irem na contramão daquilo que hoje consideramos ser o geoconservacionismo.

Outros viajantes, durante o período colonial, tiveram a oportunidade de conhecer o nordeste brasileiro, assim como a Capitania Real da Parahyba e a sua capital, Nossa Senhora das Neves. Produziram farta documentação acerca da geodiversidade desta capitania, num primeiro momento restrita ao núcleo urbano da capital e proximidades e, posteriormente, com a interiorização da ocupação, aos sertões. Analisando-se por esta ótica, o objetivo deste trabalho foi descrever o resultado destas documentações, especialmente após a conquista da Capitania da Parahyba, desvinculada da Capitania de Itamaracá e elevada posteriormente ao *status* de Capitania Real, assim como durante o período em que esta Capitania fez parte do contexto econômico da colônia, se livrando das amarras da metrópole em 1822. Estes relatos foram priorizados no que diz respeito às formas de relevo, depósitos correlativos e processos responsáveis, com o intuito de reconhecimento do valor econômico, estético e funcional da geodiversidade, elevada, pontualmente, ao *status* de patrimônio geomorfológico.

O somatório destes elementos, aliados ao aparato cultural daquele período histórico, possibilitou aferir-se sobre a **paisagem cultural** da região. Afinal, suas construções, estabelecimentos humanos, usos da terra e do mar, tradições culturais, entre outros aparatos culturais, e que foram posteriormente patrimonializados, são consequências de determinadas condições naturais ideais, particularmente das geomorfológicas, para a criação do trabalho humano, que resultou na expansão urbana de João Pessoa.

Agradecimentos

Este trabalho é resultado de uma bolsa de estudos de Doutoramento Pleno em Geografia, na Universidade de Coimbra, financiada pela CAPES/ CSF (projeto nº 11988/13-4). Os autores agradecem também o cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e pelos fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-006891 (Refª FCT: UID/GEO/04084/2013).

Bibliografia

- Almeida, H. (1978). *História da Paraíba*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, v. 1.
- Araújo, M. E. (2012). Água e rocha na definição do sítio de Nossa Senhora das Neves, atual cidade de João Pessoa - Paraíba. Tese (Doutorado em Arquitetura), Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Arquivo Histórico Ultramarino, documento AHU_CARTI_014,D.1642
- Asmus, H. (1975). Controle estrutural da deposição mesozoica nas Bacias da Margem Continental Brasileira. *Rev. Bras. Geoc.*, 5 (3), 160- 175.
- Barleus, G. (1940). *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Disponível: [Erro! A referência da hiperligação não é válida. handle/id/1109/O%20 Brasil%20 holandes.pdf? sequence=1](#), pertencente ao Senado brasileiro. Acesso em: 20 jun 2014.
- Bezerra, F. H.; Vita-Finzi, C. (2000). How active is a passive margin? Paleosismicity in Northeastern Brazil. *Geology*, 28, 591- 594.
- Bezerra, F. H.; Amaro, V.; Vita- Finzi, C.; Saadi, A. (2001). Pliocene- Quaternary fault control of sedimentation and coastal plain morphology in NE Brazil. *Journal of South American Earth Sciences*, 14, 61- 74.
- Brandão, A. F. (1977). *Diálogos das Grandezas do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Brito Neves, B. B.; Riccomini, C.; Fernandes, T.; Sant'anna, L. (2004). O sistema tafrogênico terciário do saliente oriental nordestino na Paraíba: um legado proterozóico. *Rev. Bras. Geoc.*, 34 (1), 127- 134.
- Coelho, O. G. P. (1992). *Do Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro: s.n.
- Herckmans, E. (1982). *Descrição geral da capitania da Paraíba*. João Pessoa: A União Editora.
- Lima, C. C.; Viviers, M. C.; Moura, J. R. S.; Santo, A. M.; Carmo, I. O. (1990). O Grupo Barreiras no Bacia Potiguar: relações entre o padrão de afloramento, estruturas pré-brasilianas e neotectonismo. *Cong. Bras. Geol.*, 36, 1990, Natal. *Anais...* Natal: SBG, 2, 607- 620.
- Livro que dá razão do Estado do Brasil (c. 1616). (1968). Ed. Comemorativa do V centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – MEC.

- Melo, A. S.; Rodriguez, J. L. (2003). *Paraíba*- desenvolvimento econômico e a questão ambiental. João Pessoa: Grafset, 37- 43.
- Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo (referência PT/TT/MR/1/68).
- Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo, referência PT-TT-MR-1-68_m0016).
- Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 68, Torre do Tombo, referência PT-TT-MR-1-68_m0014).
- Moura Filha, M. B. (2003). O Livro que dá “Rezão do Estado do Brasil” e o povoamento do território brasileiro nos séculos XVI e XVII. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, 591- 592.
- Moura Filha, M. B. (2004). *De Filipéia à Paraíba*: uma cidade na estratégia de colonização do Brasil- séculos XVI- XVIII. Tese (Doutoramento em História da Arte), Universidade do Porto, Porto.
- Panizza, M.; Piacente, S. (2000). Relazioni tra Scienze della Terra e patrimônio storico- archeologico. In: LOLLINO, G. (ed.). *Codizionamenti geologici e geotecnici nella conservazione del patrimônio storico culturale*. Atti Conv. GeoBen 2000, Torino, GNDI, 2133, 723- 730.
- Panizza, M.; Piacente, S. (2003). *Geomorfologia Culturale*. Pitagora Editrice, Bologna.
- Pereira, L. S.; Amaral, J. do. (2014). Geoturismo urbano: análise da tipologia geológica e cultural da capitania da Parahyba. *Cadernos de Estudo e Pesquisa em Turismo*, 3 (3), 239- 264.
- Pinto, I. 1977. *Datas e Notas para a História da Paraíba*. João Pessoa: Universitária/ UFPB.
- Reis Filho, N. G. (2000). Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial: recursos para a renovação do ensino de História e Geografia do Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 81, 198.
- Reynard, E. 2009. Geomorphosites: definitions and characteristics. In: E. REYNARD; CORATZA, P; REGOLINI-BISSIG, G. (Eds). *Geomorphosites*. Verlag Dr. Friedrich Pfeil, München, p. 9- 20.
- Ross, J. (1985) Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação. *Revista do Departamento de Geografia da FFLCH/ USP*, São Paulo, 4, 25- 39, 1985.
- Rossetti, D. F.; Bezerra, F. H.; Dominguez, J. M. L. (2013). Late Oligocene-Miocene transgressions along the equatorial and eastern margins of Brazil. *Earth-Science Reviews*, 123, 87-112.
- Silveira, J. A. 2004. *Percursos e Processo de Evolução Urbana*: O Caso da Avenida Epitácio Pessoa na Cidade de João Pessoa-PB. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Suguió, k. 1998. *Dicionário de geologia sedimentar e áreas afins*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Suguió, K.; Barreto, A.M.F.; Oliveira, P. E.; Bezerra, F.H.R.; Vilela, M. C. (2013). Indicadores de variações holocénicas do nível do mar ao longo da costa dos estados de Pernambuco e Paraíba, Brasil. *Revista do Instituto de Geociências-USP*, 13 (4), 14–152.
- Summario das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio Parayba; escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovam de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a Provincia do Brasil. Iris, vol. 1, Rio de Janeiro, p. 19- 102, 1848.*
- Teixeira, M.; Valla, M. 1999. *O Urbanismo Português*: séculos XIII- XVIII, Portugal- Brasil. Lisboa: Livros Horizonte, p. 215- 220.
- Turner, R. 2005. *Beachrock*. In: Schwartz, M. (Eds). *Encyclopedia of Coastal Science*. Kluwer Academic Publishers, The Netherlands, 2005, p. 183.

UNESCO. Disponível em <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#1>. Acesso em 08 maio 2015